

---

## **Jornalismo Alternativo no Ciberespaço: Uma análise da Rede Jornalistas Livres em tempos de #ForaTemer<sup>1</sup>**

Rodolfo AMORIM<sup>2</sup>

Kaline VIEIRA<sup>3</sup>

Uninassau João Pessoa, João Pessoa, PB

### **RESUMO**

A internet tem sido um universo de publicação de conteúdo jornalístico, mas também de entretenimento. Neste artigo pode-se observar a disseminação desse material informativo no ciberespaço, baseado no modelo de jornalismo alternativo, que se evidencia num período em que o Brasil vive um momento de crise política. Na pesquisa, utilizamos a metodologia qualitativa e, por meio da análise descritiva e estrutural, identificamos elementos textuais e subjetivos, além da incessante presença nas redes sociais digitais. Com as diferentes editoriais presentes no site, pontuamos, então, uma matéria de cada área para o estudo, todas publicadas após o período de manifestações contra o governo vigente. Além disso, explanamos a evolução do webjornalismo, as informações que circulam no espaço virtual, conceitos de jornalismo alternativo e como se constituiu a Rede Jornalistas Livres. Nesse contexto, constatamos a importância de uma fonte de informação desamarrada das linhas editoriais dos grandes veículos, e que pauta causas sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação Alternativa. Webjornalismo. Ciberespaço. Movimentos Sociais.

### **Introdução**

Com o avanço, cada vez mais veloz, das tecnologias, e a presença da internet como um sistema que proporciona a difusão digital, é possível observar novos modelos e formatos na produção jornalística. Este artigo, todavia, pode ser decodificado como uma pretensão de analisar o conteúdo das publicações da Rede Jornalistas Livres em meio aos discursos de #ForaTemer. Além de pesquisar como o jornalismo alternativo tem se manifestado na internet, bem como compreender a influência das novas mídias na divulgação dessas informações.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da Uninassau João Pessoa, e-mail: [rolfjornalista@gmail.com](mailto:rolfjornalista@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestra em Comunicação pela Universidade Federal da Paraíba. Professora Orientadora. e-mail: [kalinevieira@gmail.com](mailto:kalinevieira@gmail.com)

---

O webjornalismo, no entanto, oferece uma possibilidade maior de disseminação dos materiais noticiosos, tanto ao profissional jornalista, que dispõe de mecanismos específicos para a construção da narrativa, quanto ao leitor, que dispõe com mais facilidade dos conteúdos. Assim, interessa a essa pesquisa, desde a compreensão do surgimento dessa rede mundial de computadores, até o que Pollyana Ferrari (2014) conceitua como jornalismo digital ou webjornalismo, sendo um segmento que tem como característica a rapidez na publicação das informações.

É nesse modelo, que o jornalismo alternativo tem se mostrado mais efetivo nos tempos atuais, embora seu surgimento não seja recente, tendo se despontado ainda no século XX, principalmente com traços oposicionistas ao regime militar. (KUCINSKI, 2001). Deste modo, a escolha deste objeto se deu devido à sua atividade contínua no campo virtual e por ser um dos mais relevantes redes de jornalismo alternativo e colaborativo no país. A Rede Jornalistas Livres foi criada diante da necessidade de criar um forte enfrentamento contra os discursos de ódio que assolam a imprensa brasileira. No dia 12 de março de 2015, surgiu como uma alternativa de mídia independente, apoiada nos moldes do ciberespaço, no qual Pierry Lévy define como um mundo que “virtualiza” o real (LÉVY, 1996).

Pautado nas causas dos direitos humanos e nas causas sociais, a rede de jornalismo visa à democratização informativa, na busca de contrariar o que acontece nos pilares da mídia tradicional, além de ser significativa para a formação mais eficaz de opiniões.

Notamos que a hegemonia jornalística é refutada e contrastada com a união de pessoas que, fazendo o uso de seus celulares e computadores, constroem conteúdos noticiosos. Nesse cenário, no entanto, pode-se observar a cascata de informações que a internet produz. Muitas vezes, há, e deve haver, uma certa desconfiança de tudo aquilo que se vê e lê, afinal, num espaço onde qualquer um publica o que quer, nem tudo é conteúdo jornalístico. Assim, esses materiais noticiosos, divulgados sob a colaboração de profissionais da comunicação, são derivados da cobertura de eventos sociais e protestos, muitas vezes, criados pela própria internet, com o auxílio das redes sociais digitais.

Para fomentar debates, o *layout* do *site* dos Jornalistas Livres apresenta um formato dinâmico, dividido em cinco editorias principais, sendo: Moradia, Política, Cultura, Educação e Direitos Humanos, tendo esta, uma subdivisão que aborda temas relacionados a LGBTs, Feminismo, Negros e Negras, Índios e Imigrantes Refugiados, tópicos que apresentam relevância social, portanto, são pautáveis para a população e

---

merecem uma atenção especial. Há, também, no site, outras categorias como Arte, Debate, Opinião. Além dessa plataforma midiática, eles utilizam outras redes sociais, como o Twitter e o Instagram, o que Henry Jenkins define como convergência. (JENKINS, 2008).

Baseado num modelo de jornalismo colaborativo, os profissionais da comunicação, fotógrafos, jornalistas, ativistas, pessoas de movimentos sociais se configuram como corpo do jornalismo independente, tornando-se agentes de informações no ciberespaço. Num período em que os movimentos de esquerda têm atuado nas ruas e nos campos virtuais, o jornalismo alternativo constrói um conteúdo jornalístico com um discurso, em certo ponto, parcial, mas que demonstra o advento da internet como auxílio na luta por igualdades.

A finalidade, entretanto, é observar e reconhecer como a internet contribui para a solidificação desse jornalismo alternativo e perceber, na abordagem dos fatos, algum caráter tendencioso. Bem como reconhecer a importância desse modelo participativo de produzir informação. Por fim, elencamos as oito matérias que analisamos, todas do período de 2017 e 2018.

### **Da origem da internet ao webjornalismo**

A internet é um universo digital, que apresenta, contudo, uma descentralização dos conteúdos nela disseminados, o que denota certo poder, a cada indivíduo, de publicar o que quiser, de maneira simultânea e rápida. É preciso saber, de antemão, que o advento dessa plataforma tecnológica, no Brasil, considerando o período histórico, é recente.

A criação do ambiente gráfico da internet, o World Wide Web, foi um dos fatores propulsores do desenvolvimento da rede, que segundo a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), chegou a 2010 com mais de 175 milhões de linhas de celulares no país, é o que relata Pollyana Ferrari, em seu livro *Jornalismo Digital* (FERRARI, 2014). Com isso, os eventos sociais começaram a ser pautados por meio da rede, com o ápice em 2000. Pois, era (ainda é) barato, abrange uma quantidade incalculável de pessoas e se estende em debate contra a hegemonia da mídia tradicional, principalmente da televisão.

Durante décadas, a TV tradicional predominava na sociedade como referencial de mídia de massa. Os telespectadores apenas absorviam passivamente os programas que eram exibidos, sem exercer nenhuma relação de troca e interação, como ocorre

---

atualmente com força das tecnologias e proporcionando a cultura participativa (JENKINS, 2008), um conceito de Henry Jenkins, no livro *Cultura da Convergência*.

Ao falar em consumo, pode parecer um termo capitalista, fundamentado no lucro, mas é justamente contra isso que a mídia alternativa se comporta. André Gorz define isso como um processo de entendimento comunicativo global, em que todos os envolvidos experimentam como seu poder comum e cujos resultados não admitem propriedade (GORZ, 2005: 68). Sendo assim, tornando-se uma forma colaborativa de trabalho, onde os profissionais produzem conteúdo voluntariamente. Além do *Jornalistas Livres*, outras redes no país fazem um trabalho semelhante, como *Agência Pública* e *Mídia Ninja*, por exemplo.

Caracterizadas pela disseminação de conteúdo digital, essas redes gozam de muitos elementos que compõem a estética da produção jornalística na internet. O webjornalismo, ou o conteúdo jornalístico online tornam a cobertura dos fatos mais dinâmica, podendo ser inseridas imagens, ilustrações, vídeos, sons e hiperlinks, que direcionam o leitor virtual naquele determinado conteúdo (FERRARI, 2014: 39).

No caso do site analisado, além desse conteúdo disponibilizado no gráfico (www), há a união das redes sociais na disseminação do conteúdo. O que aproxima, ainda mais, o leitor dos temas e assuntos por eles discutidos. A página no Facebook também é fonte de informação, tão quanto o Instagram e o Twitter, o que leva os profissionais a disporem de habilidades e técnicas multimídia. Afinal, as redes sociais podem ser pontuadas como um dos avanços mais exponenciais propiciados pela internet, e que se tornou um auxílio relevante ao webjornalismo.

### **Jornalismo alternativo: oposição à mídia dominante e causas sociais em pauta**

O Jornalismo Alternativo não se apresenta como algo recente, ou que só se existe por forças da internet. Mais que apenas se contrapor ao domínio da imprensa tradicional, esse modelo surge de uma forma contra hegemônica, porém, com uma ideologia. Ainda no século XX, apareceu motivado, principalmente, a contrariar o regime militar de 1964. Dentre as nuances que transitam entre o conceito de jornalismo alternativo e o seu surgimento, Bernardo Kucinski, em seu livro *Jornalistas e revolucionários - Nos tempos da imprensa alternativa*, aponta duas causas que impulsionaram a formação e a independência desse arquétipo jornalismo:

---

A imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. É na dupla oposição ao sistema representado pelo regime militar e às limitações à produção intelectual jornalística sob o autoritarismo que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos. (KUCINSKI, 2001)

Assim, alguns autores visam conceituar o jornalismo alternativo sob seus principais aspectos e características. Entendendo que existem segmentos da sociedade que detém certos privilégios e exercem poder, também, no âmbito da política, Grinberg (1987, p. 30) define o termo como um modelo que acarreta numa predileção pela expressão de sentido oposto aos discursos da mídia dominante.

Atton e Hamilton (2008), no entanto, fazem um paralelo entre os termos jornalismo alternativo e independente. No livro *Alternative Journalism*, os autores dissertam que esse modelo de prática jornalística é, pelo menos enquanto anseio, desenvolvido de maneira exterior às instituições midiáticas que dominam o seguimento comunicacional. Isto inclui a participação de vários grupos, organizações e amadores. E o jornalismo independente, enquanto prática, também se evidencia nessa oposição e a autonomia se caracteriza pela liberdade de se isentar de verbas publicitárias. (ATTON; HAMILTON, 2008, p. 3).

Mesmo com tanta aspiração na construção de um padrão autônomo de jornalismo, muitos jornais alternativos da época foram extintos. Contudo, esses periódicos também podem ser vistos como símbolo de resistência, pois Kucinski lembra, em seu livro, que no “ciclo alternativo” que houve, um levantamento revelou que de cerca de 150 jornais, um em cada dois não chegava a completar um ano de existência ((KUCINSKI, 1991, p. 12).

O jornalismo alternativo se manifestou em jornais impressos e contribuiu para deixar marcas nesse modelo. No entanto, ao observar o atual contexto do exercício profissional, é notório que o jornalismo alternativo tem sido uma ferramenta informacional com mais abrangência graças à esfera da internet. Com a contribuição da rede mundial de computadores, as produções de conteúdo têm crescido, principalmente no que diz respeito a assuntos segmentados e escritos sob uma participação colaborativa.

Na busca de firmar também uma relação de proximidade e fidelidade com o público, os jornalistas alternativos aproveitam os recursos que a internet possibilita, além do baixo custo que tem essa disseminação de informação distante da hegemonia

---

mediática. Assim, a internet contribui para que os números de espectadores cresçam significativamente e favorece a formação de opinião.

É preciso compreender que o jornalismo alternativo, embora se constitua sob um modelo de oposição ao padrão dominante da imprensa e como forma de resistência, ele não se desfaz das técnicas jornalísticas ao produzir conteúdo. A narrativa é semelhante, mas algumas asserções são redefinidas. Atton e Hamilton (2008) salientam que o trabalho do jornalista também pode ser feito mediante formas já existentes, como formato tabloide e métodos do jornalismo investigativo, por exemplo. E eles destacam ainda que o jornalismo alternativo não se atua livre de uma ideologia perceptível, pois o fato de se comportar em oposição à hegemonia é um posicionamento político.

A internet, no entanto, é cúmplice do jornalismo alternativo, pois permite ao público uma forma mais instantânea de acesso aos conteúdos e de forma gratuita, o que faz a audiência subir cada vez mais. A rede também colabora para a formação de opinião do público, este que se caracteriza, principalmente, por serem pessoas mais jovens, que navegam na internet com mais frequência e dominam a plataforma digital. Assim, esses leitores e espectadores, que são mais sujeitos às novidades, favorecem à sustentação desse modelo jornalístico que se constitui no espaço virtual.

Todavia, percebemos então, que o jornalismo alternativo se esculpiu, desde a sua idealização, como um paradigma de objeção às práticas predominantes da mídia tradicional. Kuncinski (2001), entretanto, revela-nos, sob sua visão, que essa objeção acontece no modo de construir a narrativa, desde o pensamento das pautas até à produção do conteúdo jornalístico. Isso permite uma nova conotação ao modelo e faz com o público leia, veja e ouça, matérias com novas concepções.

### **Ciberespaço: a informação transitando num universo digital**

Um espaço que constitui o mundo virtual e não existe de forma concreta, um ambiente desterritorializante, mas que proporciona interações e relacionamentos. O ciberespaço, que surgiu devido à internet, contribuiu para a estruturação de uma nova organização social, compondo, no entanto, novas conexões espaço-temporais. Nesse campo, transformações sociais e econômicas, além de práticas afetivas e comunicacionais se desenvolvem, principalmente no universo das redes digitais. Alguns autores ousaram conceituar o termo, mas Pierre Lévy (1997), grande estudioso dessa cultura virtual, em seu livro *Cibercultura*, define o ciberespaço como sendo o:

O espaço de comunicação aberta pela interligação mundial dos computadores e das memórias informáticas. Esta definição inclui o conjunto de sistemas de comunicação eletrônica (compreendendo o conjunto das redes hertzianas e telefônicas clássicas) na medida em que acompanham informações provenientes de fontes digitais destinadas à digitalização. (LÉVY, 1997, p. 95).

O ciberespaço, no entanto, não se desprende da realidade, mas se organiza, diante da tecnologia, como ampliação do real. Com seu modelo que não segue um eixo alinhado, esse ambiente possibilita interação em tempo real e permite o acesso a diversos tipos de conteúdo. Gerou também a capacidade, segundo Lévy (1997), de acessar televisão, rádio e telefone em outras plataformas. Henry Jenkins (2009) definiria isso como convergência midiática, ou seja, a adaptação das “velhas” mídias para modelos mais modernos e tecnológicos.

No que corresponde às navegações, os aparelhos móveis digitais são cada vez mais explorados pelos usuários, incorporando mecanismos de navegação e permitindo um direcionamento no ciberespaço. Mas a interligação, pontua Lévy, “é uma das ideias, ou talvez devesse dizer das pulsões mais fortes na origem do ciberespaço”, pois organiza os seres humanos em demarcações incessantes, abre um meio de informação amplo, e agrega pessoas e coisas no mesmo ambiente comunicacional.

Um dos fatores que caracterizam o jornalismo alternativo no ciberespaço é o uso, também, de fontes independentes, o que acontece pouco no jornalismo convencional, pois precisam, eventualmente, dar relevância a fatos por meio de fontes oficiais. Um estudo realizado no *Massachusetts Institute of Technology (MIT)* revelou que notícias falsas circulam 70% mais que as verdadeiras na internet, é o que aponta uma matéria da Agência Brasil. Os dados revelam que os motivos desse compartilhamento são a novidade dos conteúdos e a reação emocional que elas causam.

Muitas pessoas também fazem o uso do ciberespaço como principal fonte de informação. Antes mesmo de voltar a atenção a veículos tradicionais, como a televisão ou o rádio, é na internet que se buscam notícias. Como sabemos quem nem tudo na rede é conteúdo jornalístico, os coletivos independentes se comprometem com a autenticidade das publicações, a fim de garantir a credibilidade e o preceito substancial do jornalismo: a verdade. O impulso desse apoio virtual se estabelece com a inteligência coletiva. Lévy (1997) diz que “o ciberespaço não é senão o desvio técnico para atingir a inteligência coletiva”.

Para fazer jus à independência que há na *web*, Pierre Lévy conta que diante da cibercultura, manifesta-se o desejo de elaborar um ambiente social, que não seja fundamentado em posses territoriais, nem relações institucionais, tampouco de poder. Deve centrar-se, no entanto, em interesses comuns, na partilha do saber e na aprendizagem cooperativa. Com uso do webjornalismo e se atendo às suas principais características do modelo no ciberespaço, os Jornalistas Livres atuam efetivamente nessa comunicação em redes.

### **O Jornalismo da Rede Jornalistas Livres**

A escolha deste objeto de estudo se constituiu por ser um veículo bastante ativo no que concerne à produção de conteúdo alternativo online. Há, no Brasil, outros propagadores dessa ideologia independente, como Mídia Ninja, A Ponte, entre outros, mas a periodicidade instantânea da Rede Jornalistas Livres no ciberespaço é regular e ultrapassa diversas redes sociais digitais. Além disso, apresenta um layout interativo, com propostas de narrativas diversas e pautas de cunho social.

**Figura 1.** Logotipo da Rede Jornalistas Livres.



Fonte: Site da Rede

Todavia, as coberturas não se limitaram a um evento específico. Movidos pelo desejo de produzir essa narrativa contrária aos moldes dominantes e a disposição ao trabalho, a Rede se consolidou. Atualmente, comunicadores, fotógrafos, ativistas, *vídeo makers*, artistas, pessoas de movimentos sociais diversos e jornalistas, constituem o corpo estrutural dessa fonte de informação alternativa. O coletivo pretende promover discussões, assim como o direito à informação e, como o próprio nome sugere, democratizar os conteúdos produzidos.

Em um vídeo elaborado por eles e disponibilizado no site, um conjunto de colaboradores descreve como se deu o surgimento desse veículo, além das ideias propostas. Sobre o grupo de pessoas inseridos nessa ideologia, fica evidenciado a finalidade e o comprometimento que é fundamental nessa profissão:



---

De maneira geral, são jornalistas que estão distantes da narrativa das mídias tradicionais, mas que têm um propósito comum, que é restaurar a confiança no jornalismo e na produção jornalística. Ou seja, temos alguns compromissos éticos e profissionais com a qualidade da informação. (LIVRES, 2015).

Desde os primeiros passos na cobertura das manifestações, o Facebook se tornou o principal canal de comunicação entre o coletivo e os leitores. Hoje, a página tem mais de 1 milhão de seguidores, tornando-se a rede social com mais acesso. Nela, no entanto, observa-se não apenas a publicação dos conteúdos produzidos pelos Jornalistas Livres, mas o compartilhamento de matérias, textos e vídeos de órgãos, instituições e pessoas que se identificam com o coletivo e desejam colaborar com pontuações relevantes para a sociedade. Fica claro também, a interação do público, que disponibilizam informações diretamente no perfil da página.

A partir de então, o site foi criado. Com a finalidade de engrandecer a relação conectada com o público, o espaço virtual dispõe de um *layout* dinâmico e inovador, permitindo, assim, uma maneira de navegação que possibilita a conectividade também entre os coletivos que colaboram e compõem a Rede. Segmentado por editorias, o “Jornalistas Livres” se divide em Moradia; Política; Direitos Humanos; Cultura e Educação. Na categoria Direitos Humanos, estão inseridas as temáticas LGBT, Feminismo, Negros e Negras, Índios, Imigrantes e Refugiados.

A Rede Jornalistas Livres, portanto, também está presente no Instagram, no Twitter e no YouTube, como pode ser visto numa seção à esquerda do site, o link para todas elas. Durante o tempo de pesquisa, foram ativadas as notificações do Instagram, que é uma rede social de compartilhamento de fotos, e pudemos observar que, diariamente, são feitas publicações que seguem o princípio de abordar e relatar fatos relacionados aos direitos humanos. Um aspecto satírico também se evidencia com a postagem de charges, uma técnica de ilustrações detentoras de crítica a algum acontecimento ou a alguém, sempre feitas por algum colaborador.

O perfil tem 160 mil seguidores que acompanham os conteúdos disseminados. No Twitter, que tem uma característica de ser um pequeno blog, onde os usuários escrevem textos com até 280 caracteres, a rede também se manifesta. O perfil do coletivo já conta com mais de 260 mil seguidores, que acompanham, muitas vezes em tempo real, a cobertura jornalística de acontecimentos de interesse público. Com a possibilidade de transmissões ao vivo, tanto no Instagram quanto no Twitter, essa ferramenta aproxima, ainda mais, o público do que eventualmente acontece e se torna notícia no país.

---

Assim, o ciberespaço contribui, de maneira significativa, para a independência da Rede. Hoje em dia, os Jornalistas Livres se constituem de redes de coletivos, que há em todo o Brasil. Alguns dos profissionais que colaboram com o grupo, já tiveram experiências em grandes veículos de comunicação, como Folha de São Paulo e Estadão, por exemplo, e possuem um conhecimento que contribui no trabalho independente. Pois, como há técnicas no jornalismo, o modelo independente não se opõe a esses métodos de construção do conteúdo, mas sim à configuração com que a mídia tradicional se manifesta na abordagem das questões de relevância.

Contudo, os Jornalistas Livres se sustentam no argumento de serem uma Rede que pratica o jornalismo alternativo no ambiente online, como vimos nos conceitos que relatamos. O canal de informação independente considera como critérios de noticiabilidade conteúdos que enaltecem os direitos humanos. Sendo o interesse público a premissa essencial do jornalismo, vale ressaltar que as mídias dominantes também se baseiam nesse critério. No entanto, o que singulariza a narrativa alternativa é a maneira como os temas são abordados.

## **6 Análise descritiva de matérias publicadas no *site* Jornalistas Livres**

Na pesquisa, ao procurar assimilar as definições pontudas acima, no que concerne à atuação do jornalismo alternativo no ciberespaço, optamos pela análise descritiva como método de estudo. Segundo Antônio Carlos Gil (2008), o estudo pode ser classificado como descritivo porque permite com que o autor pontue as características do objeto, sendo um modo muito usado em pesquisas sociais. O trabalho faz também a opção pelo método qualitativo, que se justifica porque ele permite a descrição, buscando bases em autores que o complementem. Além disso, estimula o pesquisador a pensar e a se expressar livremente sobre o assunto em questão.

A partir da escolha das matérias, feita diante de cada editoria disposta no site, e com o objetivo de pesquisar a forma como os elementos de mensagem estão colocados, além de tentar perceber algum aspecto implícito nos textos, nove conteúdos foram analisados. Individualmente lidas e observadas, as matérias foram publicadas no período em que se criou um brado retumbante que pede a saída de Michel Temer da Presidência da República.

Contra os pilares da abordagem da mídia tradicional, os Jornalistas Livres se colocam de forma contrária à Rede Globo. Na editoria ‘Feminismo’, a matéria, que tem

como título: **“O feminismo da Globo é o feminismo que nos aprisiona”**, a jornalista Martha Raquel relata o tema feminista no programa “Amor e Sexo”, da emissora. Martha expõe a visão de que tratar temas voltados às mulheres é mais do que fazer um teatro sobre o corpo delas. Segundo a repórter, as pautas do programa só são feitas porque a emissora obtém audiência e, com isso, lucram ainda mais. Na primeira edição deste ano, a atração televisiva tratou dessa questão como um desserviço, pontuou a jornalista no subtítulo da matéria.

O que fica nas entrelinhas, além da oposição aos moldes editoriais da Globo, é que temas, antes não debatidos, agora são discutidos, porém, não da maneira que deveriam ser. No caso do feminismo, é preciso que o próprio movimento pautar os diálogos e conversas, para que a mídia tradicional, da maneira como quiser, aliene ainda mais aos que a acompanham. Seguindo características do webjornalismo, o texto é complementado com uma ilustração que retrata como a mulher é vista na sociedade. Ao fim da análise detalhada de Martha divulga o e-mail da Rede para quem desejar se dispor a compartilhar vivências. Isso denota o caráter participativo que o jornalismo alternativo propõe na internet.

Sabe-se que São Paulo é uma cidade que passou por dias acinzentados. O então prefeito da metrópole, João Dória, em março de 2017, tomou a decisão de pintar de cinza as paredes e muros paulistas, julgando o grafite artístico como vandalismo. Mas não foi apenas isso! O ator e diretor, Filipe Brancalião, escreveu uma matéria especialmente para o site. Com a manchete que questionava: **“Como fazer arte numa cidade em que o embrutecimento é uma palavra de ordem do poder?”**, ele, como colaborador dos Jornalistas Livres, destacou a falta de diálogos entre a secretaria de cultura da cidade de São Paulo e os artistas atuantes.

No texto, que não é de um jornalista por formação, publicado na editoria de Cultura, fica claro que o prefeito e os secretários não entendem o conceito de democracia, pois constroem o plano de governo mediante conceitos próprios, sem pensar na sociedade, que é a parte mais interessada no que diz respeito ao desenvolvimento artístico e cultural da cidade. Os artistas não são meros ouvintes, são pessoas que têm entusiasmo e disposição para os assuntos políticos e culturais. O texto não se apega a uma estrutura apenas jornalística, não apresenta um lead básico ou parágrafos subsequentes. Com bastante referências, pode ser lido, no entanto, como um relato de quem vive esses impasses.

---

Em “**Urgência 588 - A ocupação São João precisa do apoio de todos nós!**”, o site revela, com clareza, aspectos sociais, que diz respeito a 91 famílias que correram risco de serem despejadas do ‘prédio que lutaram para chamar de lar’. Os 250 moradores que ocupavam o Hotel Colúmbia Palace, em São Paulo, estavam na luta contra o mandato de reintegração de posse do ambiente, uma questão que denota não só a realidade da falta de moradia, mas da intervenção mobiliária, que só visa o lucro. Se observarmos a composição estrutural da matéria como um todo (foto, vídeo e texto) é como se a própria sociedade desse um grito de alerta.

No vídeo que ilustra a matéria feita pela Rede, crianças falam sobre o despejo e saída de seus lares. Mostrar assim, de perto, e ouvir as vozes de quem é vítima de interesses capitalistas é uma das principais funções do jornalismo alternativo dos Jornalistas Livres. No texto sensível e humanizado, não há como não solidarizar.

Na seção ‘negros’, que agora está inclusa em ‘direitos humanos’ e é intitulada ‘negros e negras’ há uma matéria cuja manchete é “**Paz, axé e resistência**”. Estas três palavras descrevem bem o sentido das religiões de matriz africana. O foco da narrativa é contar sobre o encontro, promovido por membros das religiões de raiz negra, para realizarem a Lavagem das Escadarias da Catedral Metropolitana, um ritual que acontece em Campinas, no interior de São Paulo. No texto, os Jornalistas livres narram o trajeto e descrevem os ritos praticados, o que permite ao leitor uma imersão no que está sendo contado.

São citadas também as essências usadas e os respectivos Orixás aos quais fazem referência, assim como todos os grupos que compunham o ritual. Uma das idealizadoras do ato, que acontece há 33 anos, disse que religião, fé, tradição e cultura celebram a resistência dos povos negros. Outra fonte importante no texto, lembra que o nosso país foi último a abolir a escravidão, e Campinas, curiosamente, foi a última cidade do Brasil a concretizar a libertação dos escravos. A informação fica no fim do texto, com um subtítulo que destaca sua relevância. Além disso, 50 fotos contribuem para a cobertura.

Temas LGBTs são pautados frequentemente nos Jornalistas Livres e os conteúdos são publicados numa seção específica, inserida na editoria “Direitos Humanos”. Marcela Marcos fez uma reportagem especial para o site, em que acompanhou, representando a rede de jornalistas, um evento em São Paulo que visava a ressignificação do conceito de família. A manchete diz: “**Visibilidade Trans**” e o subtítulo expressa: “Família arco-íris,

---

contra o cinza ‘tradicional’”. O ato foi apenas um dos muitos que aconteceram pelo país no dia 29 de janeiro de 2017, data em que foi celebrado o Dia da Visibilidade Trans.

Com uma abordagem que busca promover a fala e reconhecer o espaço de grupos sociais desprivilegiados, a reportagem de Marcela relata as histórias de vida das pessoas que fomentaram o debate. Declarações de preconceito, opressão, relação familiar e rejeição foram contadas por quatro personagens que vivem, nos seus cotidianos, a luta por aceitação e inserção nos espaços de poder. Além dessas pessoas, três outras fontes foram contatadas para incrementar e enriquecer a matéria com dados sobre a violência sofrida por pessoas trans. Uma agência internacional e dois grupos brasileiros revelam números assustadores e informam o leitor acerca das questões em pauta.

Como a reportagem tem como um dos atributos a presença de um número maior de fontes, Marcela ainda entrevista, para finalizar, o membro de um dos grupos presentes. Contudo, o texto e as imagens só denotam a preocupação e a necessidade de se discutir assuntos relacionados aos direitos humanos.

### **Considerações finais**

A evolução contínua das tecnologias, nem tão novas assim, pois estão bem inseridas na sociedade, determina aspectos influenciadores nas relações contemporâneas, sejam elas econômicas, culturais ou sociais. No eixo dessas reconfigurações comunicacionais e de interações, o jornalismo também é incorporado nas novas práticas de disseminação de conteúdo no ciberespaço, sendo, no entanto, influenciado por essa cultura midiática propagada na internet. Diante disso, faz brotar um modo de prática jornalística que se empenha na contraposição do tradicionalismo e consiste em imergir nas abordagens sociais.

Num contexto histórico, a criação da internet é um fenômeno muito recente. Uma rede de computadores que surgiu na década de 60 e se conectou no Brasil nos anos 80, hoje é tão influente na esfera social. São nesses moldes virtuais que o webjornalismo se constitui, sendo mais uma adaptação que essa atividade vivencia com o passar do tempo. Pois, a cada fase que existe, o jornalismo se configura e sofre influência do determinado período. Na contemporaneidade, o ciberespaço permite a essa prática profissional o uso de atributos peculiares, que contribui para uma singularidade desse modelo, como uso de hiperlinks, imagens, vídeos, resultando num conteúdo multimídia.

---

A midiática da sociedade também viabiliza adaptações de mídias antigas para a modernização do seu uso. Na convergência, entretanto, a televisão, o rádio e o impresso destinam suas publicações para o computador e celular, possibilitando a continuação de uma cultura *móvil*. Nesses parâmetros, o jornalismo alternativo se posiciona como um exemplo de modelo inserido nas premissas virtuais e midiáticas. A contraposição ao jornalismo tradicional e hegemônico, transmitidos pela grande imprensa, além da diferenciação nas abordagens, são princípios relevantes nessa segmentação independente.

A Rede Jornalistas Livres, versada na construção de uma narrativa mais humana e, conseqüentemente, prezando por questões sociais, promove a crítica de pensamento dos leitores. Orientado nos traços do jornalismo alternativo, nosso *corpus* denota que as notícias, reportagens e todo o conteúdo jornalístico podem ter um caráter de maior aprofundamento e imersão do repórter, ou quem deseja colaborar, nas coberturas de movimentos sociais e ao contar as histórias significativas. Desde as manifestações em 2015, o coletivo se conserva no ciberespaço, transita entre as redes sociais digitais e promove a cultura participativa.

A partir dessa observação descritiva acerca dos conteúdos publicados pela Rede Jornalistas Livres, todos disponíveis no site do coletivo, torna-se perceptível a assiduidade de pautas com natureza social. Além disso, a abordagem dos textos possibilita aos leitores um ângulo diferenciado ao interpretar o que é lido, o que corrobora para uma peculiaridade do jornalismo alternativo: a oposição aos padrões do jornalismo hegemônico e à maneira como a imprensa tradicional versa sobre determinados assuntos.

Por fim, esta pesquisa demonstra ser de relevância social e acadêmica, pois além de mostrar as diferentes temáticas que o coletivo apresenta, como feminismo, índios, LGBTs e negros, por exemplo, ela estuda o jornalismo independente como fonte de informação de credibilidade. O tópico central, portanto, é a democratização, em sentido amplo, dos conteúdos informativos. A partir dos aspectos analisados, vemos que há a possibilidade da existência de um jornalismo alternativo na contemporaneidade, manifestado no ciberespaço, que ressignifica conceitos jornalísticos, mas sem se desfazer de técnicas imprescindíveis.

Para que conclusões mais sólidas sejam efetivadas, é preciso um estudo mais detalhado sobre o tema e as interferências dele no aspecto social e acadêmico. Portanto, acreditamos que o trabalho de pesquisa se estenda diante de outros questionamentos que surgem.

## Referências bibliográficas

- ATTON, Chris; HAMILTON, James F. **Alternative Journalism**. Londres: SAGE Publications Ltd, 2008.
- AURÉLIO. **Jornalismo**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/>> Acesso em: 4 mar. 2018.
- CARVALHO, Guilherme. **Jornalismo Alternativo na era digital: reportagens da Agência Pública**. Alterjor (ECA-USP. São Paulo. Ano 02– Volume 02 Edição 04. 2011.
- FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Contexto, 2014.
- GORZ, André. **O imaterial conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume, 2005.
- GRINBERG, Máximo Simpson. **A Comunicação Alternativa na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- JORNALISTAS LIVRES. Disponível em: < <https://jornalistaslivres.org/2017/02/golpistas-mataram-marisa-e-lula-os-recebeu/> > Acesso em:
- JORNALISTAS LIVRES. Disponível em: < <https://jornalistaslivres.org/2017/01/o-feminismo-da-globo-e-o-feminismo-que-nos-aprisiona/> > Acesso em:
- JORNALISTAS LIVRES. Disponível em: < <https://jornalistaslivres.org/2017/03/como-fazer-arte-numa-cidade-em-que-o-embrutecimento-e-a-palavra-de-ordem-do-poder/> > Acesso em:
- JORNALISTAS LIVRES. Disponível em: < <https://medium.com/jornalistas-livres/professores-em-defesa-da-educa%C3%A7%C3%A3o-de-qualidade-7a7c8f1848e4> > Acesso em:
- JORNALISTAS LIVRES. Disponível em: < <https://jornalistaslivres.org/2017/03/urgencia-588-ocupacao-sao-joao-precisa-do-apoio-de-todos-nos/> > Acesso em:
- JORNALISTAS LIVRES. Disponível em: < <https://jornalistaslivres.org/paz-axe-e-resistencia/> > Acesso em:
- JORNALISTAS LIVRES. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/2017/02/visibilidade-trans/> > Acesso em:
- JORNALISTAS LIVRES. Disponível em: < <https://jornalistaslivres.org/2017/01/temer-mente-no-balanco-de-seus-231-dias-de-governo/> > Acesso em:
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários. Nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Edusp: 2001.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.
- PLANALTO: **Michel Temer assume definitivamente a Presidência e toma posse nesta quarta (31)**. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-planalto/noticias/2016/08/michel-temer-assume-definitivamente-a-presidencia-e-toma-posse-nesta-quarta-31>>
- POLISTCHUK, Ilana e TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da Comunicação – O pensamento e a prática da comunicação social**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- SODRÉ, Muniz e Ferrari, Maria Helena. **Técnica de reportagem – Notas sobre a Narrativa Jornalística**. 7 Ed. São Paulo: Summus, 1986.